



habitante
irreal

Paulo Scott
habitante
irreal

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X I V

Para Simone da Costa Carvalho

© 2014, Paulo Scott
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Habitante Irreal*
Autor: Paulo Scott
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china (Vera Tavares)

1.ª edição: Fevereiro de 2014

ISBN 978-989-671-200-6
Depósito Legal n.º 370549/14

índice

do que acontece sobra sempre algo para ocorrer de novo	II
ninguém lê direito o súbito	89
a primavera do habitante irreal	169
ninguém sabe ao certo o que se faz com o comum	211

do que acontece sobra sempre
algo para ocorrer de novo

Se tivesse de resumir seus dias de militante político Paulo diria que foi da idealização completa a um cinismo sem igual e, por fim, à melancolia escapista dos últimos meses. Não deveria ser assim, logo agora que o Partido dos Trabalhadores ganhou as eleições à Prefeitura de Porto Alegre e ele se tornou uma referência estudantil importante no país inteiro, uma liderança com chances de se programar pra daqui a três anos concorrer a uma vaga na Câmara de Vereadores da cidade, ele que só tem vinte e um anos e se formará no final do ano em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ele que demorou o ano passado todo pra se dar conta: apesar das suas *potencialidades*, não passará de um soldadinho, um peão entre as outras peças do jogo, sem cobiça suficiente pra confrontar, de igual pra igual, as manipulações da gangue do segundo escalão, boa parte deles uns pulhas a quem já execrava desde antes da sua filiação em oitenta e quatro. Sua dificuldade atual em se envolver mais a fundo com a vida política, em torná-la carreira, e disputar, acabará o levando a uma dependência fisiológica, cujo preço já lhe parece alto demais; e sabe que se não se impor e simplesmente se deixar levar pela ascensão quase inevitável do partido corre o risco de um dia ter de se pendurar vergonhosamente no saco de um dos pulhas que tanto execra pra conseguir um lugar na máquina administrativa e conseguir se sustentar financeiramente. Algo parecido com o que estão fazendo centenas de companheiros que se jogaram na corrida atrás de cargos em comissão nas secretarias, no gabinete do prefeito, do vice-prefeito, nas fundações, nas empresas públicas e sociedades de economia mista; gente que até bem pouco tempo, sobretudo na hora do chopinho, fazia questão de bater no peito e dizer que estava ali única e exclusivamente pra salvar o Brasil da exploração pelo capital. De certa

forma, consegue perceber: está se cobrando demais e não conseguindo enfrentar com tranquilidade os dias que finalmente chegaram, dias pros quais sua energia física, mental, emocional foi canalizada nos últimos quatro anos. O certo é que desde o começo, quando participou daquela sua primeira reunião do núcleo partidário Glória em oitenta e três, prometera a si mesmo não permitir que seu despreparo teórico e sua quase absoluta ingenuidade em relação à política se tornassem mediocridade. Já não consegue deixar de ver a maioria das lideranças como confrades duma, maquiavélica e muito bem-engendrada, turminha de aproveitadores levando adiante seu projeto pra adquirir poder e, conseqüentemente, algum dinheiro da forma mais rápida possível. Perdeu a capacidade de assimilar as contradições. Deixou de acreditar. Por isso sua concentração no que era preciso ser feito e a tranquilidade decorrente da *crença* desapareceram. Ficou essa angústia. Há menos de mês numa consulta com o doutor Geraldo, clínico que vem acompanhando sua família há três gerações, escutou: «Paulo, tu tá somatizando demais essa tua tensão, ela tá indo toda pro teu estômago. Não é normal um rapagão da tua idade com uma gastrite crônica em estado tão avançado como a que tu tem.» O médico falou com o seu sotaque pausado da fronteira e ficou encarando Paulo até que dissesse eu sei, doutor, vou tentar me cuidar. Saiu do consultório com a prescrição de um bloqueador de acidez ainda mais forte do que a Cimetidina que vinha tomando e a proibição categórica de ingerir qualquer tipo de bebida alcoólica ou alimentos condimentados por, no mínimo, quinze dias. Não se sente confortável. E mesmo tendo decidido se afastar por completo do partido, Paulo ainda não se desfiliou e continua vinculado à organização de base trotskista da qual participa há três anos e, no último sábado (apesar de ter se atrasado de propósito e perdido o ônibus das vinte e duas e trinta que no dia anterior saiu de Porto Alegre em direção à cidade de Rio Grande levando outros quinze militantes que participariam do primeiro encontro clandestino da sua organização naquele ano), acordou antes das seis horas da

manhã, lavou o rosto, arrumou a mochila padrão estagiário de Direito com três mudas de roupa e saiu de casa com seu Fusca cinza-durepoxi modelo oitenta e três pra meia hora depois encostar junto à bomba de combustível número quatro do posto Ipiranga da esquina da Santo Antônio com a Voluntários e pedir ao frentista que pusesse trinta litros de gasolina pra serem rachados entre ele e a dupla de conhecidos seus de São Lourenço do Sul, o Eduardo Vanusa e o Nico Bigodinho Vem Cá Meu Puto, fantasiados de irmãos metralha, jogados no banco do lado e no de trás respectivamente (e ainda bêbados das rodadas de cervejas com steinhaeger consumidas no bar Lola enquanto esperavam uma tal Neide do Porto de Elis que apareceria trajada de dr. Frank Furter, o vampiro-transexual do Rocky Horror Show, pra colocá-los de penetra na festa à fantasia exclusiva pra convidados que estava acontecendo no bar Ocidente, Neide essa que no final das contas não apareceu), e quinze pras sete atravessar a ponte levadiça do Guaíba e dirigir rumo ao sul do Estado pra que talvez fosse a sua última reunião ampliada como membro da organização, dirigir sem se preocupar com os caronas, já entregues, babando a forração dos assentos, dirigir sem ter de aguentar durante trezentos quilômetros aquela conversa mole sobre revolução, sobre internacional socialista, sobre as companheiras que já pegaram e, depois da aplicação dos argumentos reichianos mais estapafúrdios, as que inicialmente teimosas já estavam espumando de tanta vontade pra dar a checka. O sábado passou lentamente, ele precisou se esforçar pra não cair de sono durante os debates, não aguentava mais olhar pras caras daquela gente. Não foi de graça que à noite, logo que encerrou o último painel, saiu à francesa, pegou o carro, foi até a praia do Cassino. Lá, descobriu a festa de aniversário acontecendo no salão do Hotel Atlântico, onde ao acaso encontrou Manoela, uma produtora cultural, dois anos mais velha do que ele, pela qual se apaixonara num final de verão na ilha do Mel há três anos. Foi ela que o reconheceu e veio eufórica na sua direção e, depois dos indispensáveis onde tu tem andado o que tem feito como a gente pôde

ficar esse tempo todo sem se falar, imediatamente após ele dizer que viera de carro de Porto Alegre, contou que estava trabalhando de produtora teatral e no momento viajando com o grupo que se apresentaria no palco do Sete de Abril em Pelotas no domingo e precisava de alguém de confiança pra levar os figurinos da peça de volta a Novo Hamburgo, onde ficava a sede do grupo, lamentando o fato do orçamento inicial não ter sido suficiente e que transportadora alguma faria a entrega com a rapidez necessária sem cobrar os olhos da cara e, sem deixá-lo interagir, disse que pagaria sete mil cruzados se ele soltasse as roupas na casa da sua auxiliar pra serem lavadas e remendadas a tempo da apresentação da sexta na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, disse que ela e os atores ficariam em Pelotas até quinta à noite pra atenderem compromissos assumidos com a Prefeitura local; e, tão logo perguntou tu me quebraria essa?, ele aceitou. Foi então que, habilidosa, emendou o pormenor: as roupas só estariam de fato à sua disposição na terça, terça bem no final da manhã, pois havia uma oficina, e ele sabe como são essas coisas relacionadas a estímulo didático, aprendizado, imaginário dos alunos e tudo mais. Paulo se sentiu ludibriado, tem de estar na segunda à tarde no escritório de advocacia onde estagia. Ponderou por uns segundos, não há tarefa que não possa esperar pra ser feita na quarta (telefonará avisando que só trabalhará na quarta). Deixou Manoela falar até que a interrompeu. «Não tenho onde ficar de domingo pra segunda e de segunda pra terça.» Ela sorriu (sorrir faz parte do processo de materialização do seu senso de oportunidade). «Estamos no melhor hotel de Pelotas», ela disse de maneira esnobe, «espaço não é problema. O quarto do iluminador vagou ontem, as diárias já foram pagas, tá tudo certo. Não precisa te preocupar, tu entra no lugar dele... e te digo, tu tá com sorte, porque o fiadaputa ficou com o melhor quarto de todos.» A verdade é que adorava vê-la em ação, fazendo o que estivesse em seus planos acontecer ali na hora, mesmo sendo ele a vítima. Falaram amenidades, acompanharam as pessoas se balançando frenéticas na pista de dança. Pensou em abordá-la, abraçá-la pela

cintura, forçar um pouco a barra pra ver aonde aquilo acabaria, mas não tinha jeito, Manoela nunca esteve ao seu alcance, nunca estaria. E, coincidindo com o término da música, de um modo blasé que o fez se sentir confusamente maduro no estilo de Manoela, disse vou dar essa volta, Manu, ela passou a mão carinhosamente no seu rosto, e cada um foi pro seu lado. Ele pegou uma cerveja na copa, puxou conversa com uma sócia da Malu Mader, que pelo visto já havia bebido além da conta. A falsa Malu, na verdade Ana Cristina alguma coisa, disse umas besteiras que o irritaram mais do que tudo; ainda assim foram a pé até uma festa que estava acontecendo a duas quadras do hotel e onde pra sua desgraça só ofereciam vinho tinto suave. Mentiu que já estava formado e viajando pra Cuba dali a poucas semanas e depois Espanha e Portugal pra fazer mestrado em Direito Comparado em Coimbra. Mentir, mentir por pirraça, estava à altura da situação, foi a única maneira de ser afetivo, recíproco. Mesmo zoada ela disse que se encantou demais com o *dinamismo* dele, e daí ele a beijou sem entusiasmo (a semelhança com a deusa Malu Mader não foi suficiente). Depois escutou seus desatinos interioranos até se convencer de que o melhor seria retornar duma vez ao alojamento e garantir alguma disposição física pra encarar os debates da manhã seguinte. Ao contrário do que ele previra, os debates do domingo foram piores do que os do sábado. Não esperou o final, não se preocupou em sair à francesa, a tecla foda-se estava ligada; naquela *zona* da sua vida nada mais voltaria a ser como era. Queria loucura, impetuosidade que o aproximasse dos escritores franceses que lia, das letras das bandas inglesas dos anos sessenta, das histórias em quadrinhos europeias, da ferocidade rítmica do rap, das frases e atitudes que deveriam ser atuais e geniais, intermináveis e impossíveis. Adiantou-se pra chegar a Pelotas antes de escurecer. O hotel e o quarto de fato eram bons, e, na segunda-feira, depois de finalmente conseguir estacionar o automóvel na garagem dos hóspedes que, segundo o gerente, passara o final de semana lotada por causa da Feira Nacional do Doce, gastou o dia circulando pelas

ruas e praças da cidade e por volta das seis e meia da noite entrou pra um expresso no Aquários, o lanchonete-café na esquina da Quinze de Novembro com a Sete de Setembro. Balcões e mesas ocupados. Pensou em dar meia-volta, porém, instintivamente, caminhou até a mesa junto à porta secundária, onde uma adolescente de cabelo preto e curto, usando óculos de aro branco engraçado, se entretinha lendo uma edição da revista *Dundum* (que menina do interior estaria lendo uma *Dundum* sentada indiferente num lugar deste, domínio absoluto de homens de meia-idade?), aproximou-se, pediu pra sentar, ela devolveu um olhar desconfiado, não disse nada, ele assegurou que não ocuparia mais do que um palmo da mesa, explicou que caminhara o dia inteiro e não conseguiria apreciar o café se bebesse de pé. Ela assentiu sem disfarçar a surpresa com a cara de pau daquele sujeito, ele agradeceu e vendo sua xícara vazia perguntou se podia lhe pagar uma bebida, ela disse que aceitaria um chá. Não precisou muito pra iniciarem uma conversa que revelaria seu nome, Angélica, e seu humor peculiar, irônico, desaforado, sóbrio. Falaram basicamente de poesia (ela dominava o assunto muito mais do que ele). A certa altura ela tirou da bolsa um caderno espiral do tipo escolar, não fez cerimônia, abriu numa página mais pro meio e (depois de uma olhada bastante sugestiva pro rosto dele) começou a desenhá-lo. Paulo não quis perguntar, não quis interferir, seguiu conversando. Ela terminou o desenho, fechou o caderno, deixou sobre o tampo da mesa. Mesmo depois que outras mesas vagaram e o movimento escasseou, continuaram sentados juntos até a lanchonete fechar, quando pagaram a conta e saíram. Logo que puseram os pés na calçada Angélica lhe entregou o caderno, disse que ele fazia parte duma brincadeira nova, duma que suas amigas do colégio inventaram, e ela achou muito legal. «Tu pega um caderno comum, como este, encontra alguém de quem tenha realmente gostado, faz o desenho dessa pessoa da melhor maneira que conseguir, depois entrega pra ela, com a condição dela escrever alguma coisa na página ao lado e, sem esperar muito tempo, no máximo uma semana, passar pra

outra pessoa e essa outra pessoa passar pra outra e assim por diante. Não sei se fui clara. Fui clara?» Ele disse que estava parecendo uma nota promissória ao portador, uma nota promissória que jamais seria descontada e, assim que ela terminou de sorrir, perguntou se estava autorizado a pensar que ela tinha gostado muito dele. Ela tirou um cigarro da bolsa e deu de ombros exatamente como uma pessoa idosa e desencantada com a vida faria após mostrar seu afeto a quem não o esperava (ou não o merecia, mas aconteceu). «Nas doze primeiras páginas tem umas poesias minhas», desconversou. Ele não aguardou, tentou abraçá-la do jeito que um amigo abraçaria, mas ela se afastou dizendo, com as sobranceiras franzidas, que estava realmente atrasada pra um compromisso familiar e, duma forma brusca, lhe deu as costas e saiu na direção da Praça Coronel Osório. Ele voltou pro hotel, abriu umas latas de cerveja e passou o resto da noite lendo e relendo os escritos do caderno. Então na terça pela manhã (logo que os atores liberaram as indumentárias), pegou os sacos e bolsas que lhe entregaram, abaixou o banco de trás do Fusca, ajeitou o material, cobriu com o pano cinza-escuro que Manoela fez questão de lhe entregar, enfatizando o quanto seria útil pra evitar que toda aquela tralha chamasse atenção da polícia rodoviária, e, minutos antes de começar a chover, Paulo entrou à direita na BR Cento e Dezesesseis a caminho de Porto Alegre. E na altura de Cerro Grande, mesmo com a visibilidade reduzida por causa da chuva que se transformara em temporal, enxergou um vulto, era uma pessoa agachada à margem esquerda da pista. Freou sem parar por completo. Era uma indiazinha segurando uma pilha de jornais e revistas contra o peito. A seu lado, duas sacolas brancas de plástico largadas no chão. Desceu o vidro do carro e se deteve nela, especulando, impactado, sobre o quanto ela teria de caminhar até conseguir um lugar seco onde pudesse se abrigar (as aldeias indígenas mais próximas estavam a muitos quilômetros dali). Olhou pelo retrovisor. Às suas costas: a pista deserta. E, já a observando por cima do ombro (carro a menos de dez por hora), pensou em parar, não parou.

Quilômetros à frente resistindo em admitir que, por um segundo, não tivera coragem e que a visão da menina o assombrara como poucas coisas na vida, Paulo imagina que algum caminhão (embora veículo algum tenha passado no contrafluxo) já deva ter parado e oferecido carona pra ela. Roda umas centenas de metros, encosta, desliga o motor. Respira fundo, vira-se pra traseira do Fusca, tira o pano cinza-escuro que cobre os sacos e bolsas onde estão as roupas da companhia de teatro, abre, pega uma toalha de rosto branca que parece não ter sido usada, um blusão e uma calça de abrigo tamanho pê. Encontra também uma sombrinha retrátil cuja cor é o pior dos verdes, um verde-cheguei luminoso. Olha à frente e depois pelos retrovisores de novo, liga o motor, aciona o pisca de conversão à esquerda e retorna pela pista ao sul mantendo uma velocidade baixa por causa do temporal que está ainda mais forte e dos pneus gastos oferecendo risco do veículo aquaplanar. Tem a sensação de inconveniência, que se agrava com o aumento da numeração dos quilômetros: trezentos e sessenta trezentos e sessenta e um trezentos e sessenta e dois sessenta e três quatro

cinco seis, trezentos e sessenta e sete. (Não se deu conta de ter rodado tão longe.)

Ela está no mesmo lugar, na mesma posição. Diz a si mesmo pra ter cuidado, pra não assustá-la. Ela ergue a cabeça e levanta, pega as sacolas recuando uns passos ao perceber que o veículo encostará. Ele para a seu lado, desce o vidro até a metade procurando ser o menos ameaçador possível, pede que entre (como se se dirigisse a um estrangeiro que não domina o idioma português), fala que lhe dará carona, talvez até o posto de gasolina mais próximo ou até a polícia rodoviária. Ela permanece quieta olhando direto nos seus olhos. Ele insiste, mas ela continua receosa. «Não vai adiantar nada, é o tipo de boa vontade que não funciona...», resmunga em voz baixa antes de pegar a sombrinha e sair do carro. Assim que ela o vê abrindo a porta, atravessa a pista. Já do outro lado, segue apressada na direção sul. Por um instante, ele fica parado ali em frente ao Volkswagen observando-a se afastar (a chuva e o seu peso enchem-no de surdez e obliteração mineral). Retorna ao Fusca, pega a toalha, as peças de roupa e, sem parar de praguejar, sem ter a menor ideia do que perderá ou ganhará com aquilo, deixa o carro ali e vai buscá-la.

Se, pra piorar a situação, a Polícia Rodoviária Federal encostasse querendo saber o que significava aquilo, Paulo diria não haver uma razão clara, segredaria que nos últimos três anos as coisas que fizera foram quase todas parte duma inércia contagiante, duma liberdade cega que precisava ser exercida com urgência não só por ele, mas por todos os brasileiros que tendo vivido

o auge do regime militar agora precisam prometer a si mesmos que podem ser justos e emancipados e felizes a ponto de aceitar o mais óbvio determinismo, no qual os inimigos são fáceis de reconhecer e a verdade, uma descoberta amistosa, cômoda, predestinada a resistir contra tudo. Uma argumentação que ao ser despejada, em clima de programa humorístico inglês, permaneceria tão inútil e patética quanto o silêncio, ou quanto achar que a uma altura daquela, e se dando conta de que os faróis ficaram acesos e o motor do Fusca ligado, o mais sensato talvez fosse percorrer os cem, cento e tantos metros até o carro e apagar os faróis, desligar o motor, encontrar um saco plástico apropriado pra acondicionar as peças de roupa e a toalha, trancar as portas, guardar a chave no bolso da calça, pra só então, com a fiança da autoridade policial (e os aplausos da plateia de programa de auditório), reiniciar a corrida atrás da índia. Agonia-se nesse transe especulativo e, quando volta a si, olha em direção ao sul surpreendendo-se com o tanto de distância que ela já avançou (terá de se empenhar de verdade pra alcançá-la), olha outra vez pro carro, segura o guarda-chuva com a mesma mão que segura as roupas, avança desta vez com passadas mais aceleradas até que, ao se chegar bem perto dela, nota quando a índia olha de maneira sutil sobre o ombro e diminui o ritmo e, a poucos metros do encontro, para, voltando-se rápido na direção dele. Aguarda um segundo, recupera o fôlego, enquanto estende a sombrinha e os panos pra que ela pegue. «Só tô querendo ajudar», aponta o indiciador pras coisas que segura com a outra mão e depois

aponta na direção dela, «isso é roupa seca... roupa seca...». Ela pega, fica também com a sombrinha. «Posso te levar até um abrigo, mas se tu não quiser, tudo bem, te deixo aqui mesmo. Tô indo de volta pro carro», indica com o polegar. «Se quiser uma carona, quiser que eu te leve», reforça, «é só vir comigo», usa os dedos pra representar uma pessoa caminhando na direção do carro. A índia encara-o. No meio de toda aquela chuva, ele tem a sensação, elíptica, de que não chegará a solução alguma. E tenta pela última vez. «Meu nome é Paulo... Qual é o teu?» Ela não responde. Ele imagina que talvez não esteja escutando direito, porque há essa distância entre os dois e o barulho da chuva na tela de náilon da sombrinha. Percebe que não tem mais nada a fazer, volta-se na direção do carro. Caminha uns vinte metros até que olha pra trás: ela o está seguindo. Quando chega ao veículo, entra, deixa a porta do carona aberta. Ela para ao lado do carro e se atrapalha ao tentar fechar a sombrinha, ele pensa se deve ou não ajudá-la e apenas aguarda. Então ela senta no banco, respiração açodada, olhar fixo à frente. Depois de segundos, ela fecha a porta, ele arranca devagar em direção ao norte. Durante o trecho de oito quilômetros até o restaurante ficam em silêncio, ele deixa seu vidro abaixado (porque ele próprio tem a necessidade de não ameaçar), a chuva molha o interior do carro.

Para na vaga mais à esquerda a poucos metros dos banheiros. A índia desce do carro, parece mais confiante, parece ter entendido quando ele disse que seria melhor vestir a roupa seca. Vai se trocar. E ele

puxa de trás do carro sua mochila padrão estagiário de Direito, pega a única das camisetas em condições de uso, uma bermuda, pega também uma sandália, vai direto ao banheiro. Demora mais do que pretendia. Quando sai, olha em todas as direções à procura da menina. Não encontra sinal de que ela já tenha saído. Entra no restaurante. À direita há um balcão onde funciona uma lanchonete. Salgadinhos de forno, sanduíches farroupilha, fatias de bolo, todos expostos sob tampos envidraçados. Escolhe um assento perto da janela, longe dos demais fregueses, pede uma xícara de café com leite. Seu pedido é servido. Diz ao atendente que retornará em um segundo, vai até lá fora. Ela está parada junto ao orelhão da CRT vestida com as roupas que ele lhe deu. Faz sinal pra ela entrar, ela fica ali mesmo, discrepante. Ele se aproxima, pega as sacolas e a sombrinha da sua mão esquerda e, quando tenta pegar o calhamaço de jornais e revistas prensado contra seu peito, ela resiste. Então ele segura com delicadeza o seu pulso e faz com que o acompanhe até o lugar onde estava sentado. «Quer um café?» Sacudindo a cabeça ela recusa. «Uma Coca-Cola?», parece razoável insistir. «Sim», ela diz (falando com ele pela primeira vez). Ele pede o refrigerante e uma torrada com manteiga à garçonete que veio substituir o homem, uma senhora visivelmente afetada, empostando-se diante deles como se fosse a gerente ou a própria dona do lugar. Não parece disposta à cordialidade. «O nome», diz a índia, «Maína». *Jesus*, ele pensa, *ela nem fala português direito*. Quando a

atendente volta trazendo o solicitado, larga de qualquer jeito o prato com a torrada sobre a toalha. Paulo faz questão de agradecer. Maína permanece imóvel segurando o calhamaço de papéis. Depois de uns segundos, sem que ela tome iniciativa, ele serve a bebida no copo recém-deixado ali e empurra o prato na sua direção. «É pra ti. Tu deve tá com fome, não tá?» Ela deixa os jornais e revistas sobre o assento da cadeira ao lado da sua, pega metade da torrada, dá a primeira mordida. «Pra que tudo isso?», Paulo pergunta apontando o dedo indicador na direção da pilha de jornais e revistas. «Na estrada... coisa jogada fora», ela responderá assim que terminar de engolir. «Gosta de ler?», ele pergunta. «Juntada...», ela vacila pra falar, «guarda... aprendeu na escola... Falar português... pouco... ler pouco... Não pratica muito.» Ele constata a beleza da menina, o modo gracioso do seu rosto mesmo ela não estando à vontade. «É quantos anos tu tem?», continua. Ela lhe devolve um sorriso acanhado, não diz nada. «Idade?», ele insiste, «eu tenho vinte e um...», mostra todos os dedos esticados, duas vezes e mais o indicador sozinho. «Tu tem?...», aponta pra ela. «Tua idade?» Não parecer ameaçador. «Catorze», ela responde. *O que é que eu tô fazendo?*, pensa sem ignorar o fato da garçonete-gerente ter provocado uma pequena revolução no ambiente, e agora os catorze fregueses, todos com pinta de imigrantes italianos, estarem olhando na sua direção, julgando-o, já com a placa do Fusca anotada, prontos pra acusá-lo caso surja nos próximos dias notícia da desgraça daquela índia, de qual-

quer índia. *Santa ingenuidade, Paulo*. «Azar», diz pra si mesmo enquanto a observa comer e recorda o seminário sobre os quarenta anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos do qual participou ano passado (estava muito interessado na organizadora, uma uruguaia militante da Anistia Internacional) e de um painel no qual havia um cacique relatando as péssimas condições das etnias indígenas na região sul do país. O cacique usou a expressão «calvário das etnias indígenas» antes de falar sobre a quantidade absurda de famílias vivendo à beira das autoestradas por causa de conflitos dentro das aldeias, por falta de terra, por falta de espaço. Paulo não tinha a menor ideia de que esse era exatamente o caso da índia à sua frente.

Morar à margem da cento e dezesseis, sem a irmã mais velha que sumiu na vida há mais de ano, tentando se alegrar, montando cestos cipó brincando como pode com as duas irmãs menores, deixando que um dia suceda o outro, despercebida (mesmo alvo da atenção redobrada de sua velha mãe, por já ter tentado duas vezes o suicídio: a primeira, há pouco mais de dois anos, semana depois que um amigo morador de um acampamento contíguo e do qual tanto gostava foi morto por razão ainda não elucidada numa noite de domingo quando supostamente teria saído pra ver uma partida de futebol entre os times da região, e a segunda, há menos de seis meses, quando teve certeza de não suportar a diferença em relação aos não índios, de que logo se tornaria uma adulta melancólica como sua mãe). Vez ou outra escuta

-

Paulo Scott nasceu em Porto Alegre em 1966 e mora actualmente no Rio de Janeiro.

Autor de poesia e teatro, teve um dos seus livros de contos, *Ainda Orangotangos*, adaptado para cinema por Gustavo Spolidoro.

Habitante Irreal é o seu segundo romance e foi finalista dos prémios Jabuti e São Paulo de Literatura e vencedor do Prémio Machado de Assis 2012 e do Prémio Fundação Biblioteca Nacional, no mesmo ano.

habitante irreal

foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso pela
Guide, Artes Gráficas SA,
sobre papel Coral Book
de 90 gramas, em
Fevereiro de
2014.

NESTA COLECÇÃO

O Retorno
Dulce Maria Cardoso

De Mim já nem Se Lembra
Luiz Ruffato

Quando o Diabo Reza
Mário de Carvalho

O Verão de 2012
Paulo Varela Gomes

Dezoito Palavras Difíceis
Luís Rainha

Diário da Queda
Michel Laub

E a Noite Roda
Alexandra Lucas Coelho

Este Samba no Escuro
Raquel Ribeiro

Dois Rios
Tatiana Salem Levy

Hotel
Paulo Varela Gomes